



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Reis Lunardi, Giovana; de Freitas, Ernani Cesar

Polifonia e compreensão leitora no poema A implosão da mentira

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 34, núm. 2, julio-diciembre, 2012, pp. 175-185

Universidade Estadual de Maringá

.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426652005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Polifonia e compreensão leitora no poema *A implosão da mentira*

Giovana Reis Lunardi^{1*} e Ernani Cesar de Freitas²

¹Universidade do Oeste de Santa Catarina, Rua Dirceu Giordani, 696, 89820-000, Xanxeré, Santa Catarina, Brasil. ²Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: gio-reislunardi@hotmail.com

RESUMO. Este artigo tem por objetivo descrever e analisar a Polifonia presente no poema *A implosão da mentira* de Affonso Romano de Sant'Anna, conforme estudos de Jean-Claude Anscombe e Oswald Ducrot (1994), Oswald Ducrot (1987, 1988), Marion Carel (1997, 2005), Carel e Ducrot (2005, 2008). Partimos da premissa de que a polifonia é um recurso argumentativo que constrói o sentido discursivo no poema e dessa forma contribui para a mediação e compreensão leitora dos sujeitos. Ao associar a Teoria da Polifonia com a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), dos mesmos autores, apresentam-se diferentes aspectos de um bloco semântico como a representação polifônica do discurso. O bloco semântico evoca encadeamentos argumentativos (segmentos unidos por conectores *donc* ou *pourtant*), que são responsáveis pelos diferentes pontos de vista presentes no enunciado (a Polifonia), com os quais o locutor discorda, identifica-se e/ou os assume. Foram analisados os enunciadores e a posição do locutor em relação a eles, a partir dos blocos semânticos selecionados foi construído o quadrado argumentativo referente ao sentido global do discurso no poema. As análises mostram aspectos referentes à mediação e compreensão leitora, além de tornar-se um motivador para o desenvolvimento de estudos acerca da leitura e sua contribuição para a formação cultural do indivíduo e da sociedade.

Palavras-chave: poesia, literatura, teoria da polifonia, teoria dos blocos semânticos, compreensão leitora.

Polyphony and reading comprehension in the poem *The implosion of the lie*

ABSTRACT. This article aims to describe and analyze this polyphony in the poem *The implosion of the lie* Affonso Romano de Sant'Anna, according studies by Jean-Claude Anscombe e Oswald Ducrot (1994), Oswald Ducrot (1987, 1988), Marion Carel (1997, 2005), Carel and Ducrot (2005, 2008). We start from the premise that the polyphony is a resource a sense argumentative discourse in the poem and thus contributes to the mediation and reading comprehension of the subject. By linking the theory of polyphony to the Theory of Semantic Blocks (TBS), the same authors, presents different aspects of a block as the semantic representation of the polyphonic discourse. The block evokes semantic argumentative chains (segments joined by connectors *donc* or *pourtant*), which are responsible for different points of view present in the utterance (polyphony), with which the speaker disagrees, identifies and / or assumed. We analyzed the statements presented in statements of the poem and the speaker's position in relation to them, and then selected semantic blocks from the square was built for the global sense argumentative discourse in the poem. The analysis shows the possibility of aspects related to mediation and reading comprehension between, and become a motivator for the development of studies on reading and contribution to the cultural background of the individual and society.

Keywords: poetry, literature, theory of polyphony, blocks of semantic theory, reading comprehension.

Introdução

Assumimos por base teórica, para o desenvolvimento deste artigo, a Teoria da Polifonia, que é tratada na segunda fase dos estudos da Teoria da Argumentação na Língua (ADL) e a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). Os pressupostos teóricos foram desenvolvidos pelos franceses Jean-Claude Anscombe, Oswald Ducrot e Marion Carel, os quais propõem a descrição semântica da língua a partir da própria língua. Utilizando-se dos conceitos dessas duas teorias, ADL e TBS, este trabalho tem como objetivo

analisar três fragmentos discursivos do poema *A implosão da mentira* (Anexo A), de Affonso Romano de Sant'Anna (1999), tendo como premissa que a polifonia é um recurso argumentativo que constrói o sentido discursivo do poema e, dessa forma, contribui para a mediação e compreensão leitora dos sujeitos.

Para comprovar a hipótese de que a compreensão leitora é facilitada pela análise da construção polifônica do sentido, identificamos os encadeamentos argumentativos e os blocos semânticos presentes em enunciados selecionados do poema; posteriormente,

formamos o bloco semântico responsável pelo sentido global no poema e construímos um quadradão argumentativo através do qual identificamos os enunciadores, os pontos de vista e a atitude do locutor diante deles. Demonstramos, posteriormente, por meio de um quadro síntese (Figura 1), como se dá a inter-relação dos blocos semânticos de cada enunciado analisado, que resulta no bloco semântico com o sentido global do discurso.

Essa análise é uma possibilidade de aplicação de teorias linguísticas para compreensão leitora de diferentes poemas. Por questões de extensão do texto, restringe-se esse trabalho à seleção de conceitos da Teoria da Polifonia e da TBS, além da seleção de trechos do poema, tomado como *corpus*, para demonstrar como a teoria da Polifonia descreve a argumentação pelos enunciadores apresentados nos enunciados. Trata-se de uma proposta de estudo que não se dá por concluída, pois visa à motivação de outras leituras mediadas pela Semântica Argumentativa. Segue, como primeiro aspecto teórico, informações sobre o poeta Affonso Romano de Sant'Anna, além de reflexões deste sobre a leitura.

Affonso Romano de Sant'Anna e a leitura no Brasil

Nascido em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, no ano de 1937, Affonso é jornalista, cronista, poeta, ensaísta, crítico literário, Doutor em Literatura, estudioso da linguagem e tudo isso reconhecido internacionalmente. Desde a juventude esteve comprometido com controvérsias do seu tempo. A poesia praticada por ele é de caráter social, comunicativa e centrada em aflições da coletividade. Affonso Romano é um dos mais importantes escritores que teorizam sobre a leitura no Brasil e a necessidade de se vê-la como referencial de cultura, construção do conhecimento e lazer. Aliás, lançou no mês de maio de 2011 o livro intitulado *Ler o Mundo*, que trata de diversos temas, como a leitura e a antropologia/educação/ecologia, o cinema e as artes.

Apixonado pela leitura, no artigo *A poesia e os mediadores de leitura* (2009), o autor propõe várias maneiras de mediar a leitura da poesia, isso porque entende que as pessoas têm percepções muito diferentes, umas das outras, daquilo que podem depreender da leitura realizada, já que há diferentes ‘leituras’ que os sujeitos processam, por conta de seus conhecimentos, de sua visão de mundo, de suas crenças e valores. Diante dessa diversidade de posicionamentos, podemos perceber que a compreensão leitora varia de leitor para leitor, de um sujeito para outro, em função do que cada um

entende e se identifica com a mensagem expressa no enunciado do poema, da poesia.

Dessa maneira específica de procedimentos de leitura e de sua compreensão, apropriamo-nos desse ‘olhar’ diferenciado do leitor acerca das diferentes atitudes e de possibilidades de leitura diante da poesia, para propor neste estudo uma outra perspectiva de leitura e compreensão leitora mediante recursos baseados em estudos enunciativo-estruturalistas por meio de recursos linguístico-discursivos, tendo Jean-Claude Anscombe e Oswald Ducrot (1994), Oswald Ducrot (1987, 1988), Marion Carel (1997, 2005), Carel e Ducrot (2005, 2008) como representantes mais destacados na linha teórica que ancora este artigo – Semântica Argumentativa, que se configura pela Teoria da Argumentação na Língua e, mais recentemente em sua (re)atualização, na Teoria dos Blocos Semânticos.

Para a análise argumentativa do sentido, a poesia é excelente *corpus*, já que “[...] poesia é linguagem carregada de sentido [...] atuando também entre o visível e o invisível, entre o objetivo e o subjetivo” (SANT’ANNA, 2009, p. 158-159). Em função da maneira que o leitor lê, interpreta e relaciona conteúdos de um texto, no caso do poema, por exemplo, o resultado desse ato de ler além de compreender o que está sendo lido pode provocar e instigar diferentes leituras e interpretações do poema, seja em sala de aula ou em oficinas de poesia. Para o poeta, “[...] a poesia é reinvenção do mundo através da linguagem” (SANT’ANNA, 2009, p. 170).

No poema que será analisado, *A implosão da mentira*, Affonso Romano de Sant’Anna faz uma análise social da mentira, mencionando que ela altera a história e resta ao poema e ao poeta revelar a verdade. A interpretação do poema e, de certa forma, a compreensão da leitura se dará pela Teoria da Polifonia e pela TBS, como já mencionado, teorias que a seguir são brevemente comentadas na seção três. Porém, antes, apresentamos algumas considerações a respeito do gênero textual poema.

O gênero textual poema

Uma vez que o poema é uma manifestação discursiva, pertence à classificação dos gêneros textuais, na perspectiva de Bakhtin (2010) e Marcuschi (2002), que definem os tipos e as manifestações textuais produzidas na sociedade. Os diferentes gêneros são voltados à comunicação humana, pois,

[...] falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem ‘formas’ relativamente estáveis e típicas de

'construção do todo' (BAKHTIN, 2010, p. 282, grifo do autor).

Há multiplicidade de gêneros discursivos para cada necessidade das diversas situações de comunicação humana; eles se organizam por três elementos: tema, estilo e composição.

Conforme um dos principais pesquisadores brasileiros sobre os gêneros textuais, o linguista Luiz Antônio Marcuschi, a denominação utilizada de Gênero Textual¹ serve,

[...] para refletir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sóciocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição características (MARCUSCHI, 2002, p. 22).

Quando dominamos um gênero textual, também apreendemos uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares, pois “[...] a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (MARCUSCHI, 2002, p. 22). Há, entretanto, diferenças entre tipologia e gênero textual que podem ser olvidadas, para esclarecer, lido em Marcuschi (2002, p. 22-23), os conceitos de tipologia e gênero elucidam-se a seguir:

- (a) Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção [...];
- (b) Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sóciocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, horóscopo.

Assim sendo, o Gênero Textual é entendido como diversidade reguladora das práticas discursivas humanas, cada gênero se manifesta por meio de textos, como resultantes de um ato de enunciação, de modo que a utilização de diferentes Gêneros Textuais é condição *sine qua non* da comunicação, pois estão relacionados diretamente com as

diferentes práticas sociocomunicativas com as quais nos deparamos diariamente.

O poema é um gênero ligado à manifestação dos sentimentos/emoções, é lido em diversas esferas sociais, e desde muito tempo tem lugar nobre na literatura. Nossa intenção ao selecionar o poema *A implosão da mentira*, de Affonso Romano de Sant'Anna, como *corpus*, perpassa primeiramente a necessidade de utilizar as teorias ADL/TBS como recursos de leitura, de modo que se possa compreender o sentido polifônico do poema sob análise.

A seção seguinte apresenta os principais pressupostos das teorias utilizadas para a análise do poema, diga-se a Teoria da Argumentação na Língua, a Teoria Polifônica da Enunciação e a Teoria dos Blocos Semânticos.

A Teoria da Polifonia e Teoria dos Blocos Semânticos

A ADL² tem como principal postulado que ‘a argumentação está na língua’ (DUCROT, 1988). Essa teoria desenvolveu-se em fases: a forma ‘Standard’ (1983); a forma ‘Standard Ampliada’ (1988); a ‘Teoria dos Topoi’ e a ‘Teoria Polifônica da Enunciação’ (1987, 1988) e a ‘Teoria dos Blocos Semânticos’ (TBS)³. Este artigo utiliza-se de conceitos da ‘Teoria da Polifonia’ (1987, 1988) e da TBS (2005, 2008). Ao afirmar que a argumentação é linguística, essas teorias, a ADL/TBS, refutam a tese de que argumentar, para a retórica, é persuadir a partir do estabelecimento da verdade de uma determinada proposição, sendo a conclusão justificada pelo argumento. Partindo de exemplo “com pouco/um pouco”, Ducrot (1988, p. 77) e seus colaboradores mostram que um mesmo argumento pode levar a diferentes conclusões, pois se pode afirmar que “Comeu pouco, portanto não vai melhorar” e também “Comeu um pouco, portanto vai melhorar”. Com tais demonstrações, a concepção veritativa da linguagem é questionada, visto que o sentido é construído na continuação do discurso. Para o semanticista, Ducrot, a língua deve ter referência à fala, numa distinção metodológica diferente da separação saussuriana (*langue/parole*), pois a “[...] a semântica linguística deve ser estrutural e levar em conta a enunciação” (DUCROT, 1987, p. 67).

Os enunciados não descrevem a realidade diretamente, porque a relação da linguagem com a realidade não é com as coisas do mundo, mas com o

¹Para Bakhtin (2010), trata-se de gênero discursivo, para Marcuschi (2002) a denominação é gênero textual; neste artigo, nossa intenção não é de discorrer sobre essa particularidade, apenas apresentamos ambos os conceitos para situar o poema como uma manifestação do texto, por consequência, do discurso.

²Essa teoria tem por filiação os estudos de Ferdinand de Saussure e da Teoria da Enunciação, de Émile Benveniste, portanto, de natureza estruturalista.

³A partir da tese de doutorado de Marion Carel (1997).

sentido que se atribui ao mundo. Assim, a linguagem é entendida por meio dos aspectos subjetivos e intersubjetivos, aspectos aos quais Ducrot (1988, p. 50) edifica o que chama de “[...] valor argumentativo dos enunciados”. Logo, o aspecto objetivo unido ao subjetivo demonstra a força argumentativa do enunciado. Para exemplo, na análise do enunciado “Faz bom tempo” (DUCROT, 1988, p. 50-51, tradução nossa)⁴, temos como aspecto ‘objetivo’ a descrição do tempo como um tempo bom, no qual não chove nem há nuvens (dispensável para a análise semântica, por não ser argumentativo); o aspecto ‘subjetivo’ refere-se à satisfação que o locutor tem diante do tempo que faz (do contrário não diria que é ‘bom’) e o aspecto ‘intersubjetivo’ existe porque esse discurso permite que o locutor proponha ao interlocutor que faça um passeio. O ‘valor argumentativo’ está na relação entre a satisfação do locutor e o convite que faz para o passeio a partir do qual será construído o sentido do enunciado, conforme a conclusão para a qual dirigir-se.

Contrário à unicidade do sujeito no enunciado, Ducrot (1987) apresenta ‘Esboço de uma teoria polifônica da enunciação’, na obra *O Dizer e o Dito*, propondo uma teoria segundo a qual o enunciado apresenta diferentes pontos de vista. Influenciado pela classificação de Bakhtin, para quem a literatura é tomada como carnavalesca, porque o autor assume máscaras diferentes, Ducrot (1987, p. 149) assevera que “[...] a cena linguística se revela como a cena teatral”. Nas conferências de Cali (DUCROT, 1988), encontramos a explicação que menciona Bakhtin e tal filiação; este teórico empregou a metáfora da polifonia para opor e caracterizar duas formas de literatura: a ‘dogmática’ com uma só voz, a do autor, e a ‘polifônica’ (popular ou carnavalesca), pois há vários personagens que se apresentam por si mesmos, sem que o autor dê a entender o seu próprio ponto de vista (as obras de Dostoevski foram as primeiras analisadas nessa perspectiva). Para a Polifonia em linguística, proposta por Ducrot, o autor do enunciado nunca se expressa diretamente, mas põe em cena personagens, que são entendidos por Ducrot (1988) como ‘pontos de vista presentes nesse enunciado’, sendo que o sentido desse enunciado é resultante da confrontação das diferentes vozes que nele aparecem.

⁴“(2) Hace buen tiempo. En este enunciado hay un aspecto objetivo porque (2) describe el tiempo que está haciendo en ese momento: dice que no está lloviendo, ni hay vientos ni nubes, etc. Hay por otra parte un aspecto subjetivo porque este enunciado indica en la mayoría de los casos una cierta satisfacción del locutor por el tiempo que hace (en realidad, aun si al locutor no le agrada el buen tiempo, el hecho de escoger el adjetivo ‘buen’ marca a cierto nivel una apreciación positiva del tiempo). Además hay un aspecto intersubjetivo porque el discurso (2) permite al locutor proponer a su interlocutor hacer una salida, por ejemplo” (DUCROT, 1988, p. 50-51).

Pragmática Semântica ou Pragmática Linguística é a disciplina na qual se desenvolve a teoria da Polifonia. Assim, tomada a pragmática como “[...] ação humana realizada pela linguagem”, a investigação volta-se para o “[...] que se considera que a fala, segundo o próprio enunciado, faz” (DUCROT, 1987, p. 163). Nesse sentido, cada enunciado traz uma qualificação da enunciação, descrita para encontrar-se o sentido.

Ducrot (1987) critica a unicidade do sujeito, porque o enunciado apresenta no mínimo três vozes: do ‘sujeito empírico’ (SE), que é o autor do enunciado⁵; o ‘locutor’ (L), responsável pelo enunciado; os ‘enunciadores’ (E), os pontos de vista. Os enunciadores, seres que se expressam mediante a enunciação, manifestando seu ponto de vista (sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas) “[...] são as máscaras que no teatro o autor usaria” (DUCROT, 1987, p. 192). Desse modo, o locutor se posiciona de três maneiras diante dos enunciadores: ‘assume’⁶ seu ponto de vista, ‘concorda’⁷ ou ‘discorda’⁸/‘opõe-se’.

Uma vez compreendido por essa ‘teoria do sentido’ que a descrição semântica do enunciado ocorre a partir da significação da frase e da descrição da enunciação, temos a noção ducrotiana de que o ‘sentido é polifônico’. A encenação dos personagens/enunciadores é, no sentido teatral, a representação dos diferentes pontos de vista no interior do discurso, permitindo que se tirem conclusões de uma asserção sem a responsabilidade ser atribuída por (L) diretamente, mas sim a outro enunciador. É a diversidade de pontos de vista que pode conter no enunciado que recebe a denominação de polifonia. Desse modo, na função do ‘enunciador’ é que se delineiam as ideias sobre a polifonia, segundo Ducrot (1988, p. 19-20, tradução nossa):

[...] todo enunciado apresenta um certo número de pontos de vista relativos às situações das quais se fala. [...] Descrever o sentido de um enunciado consiste, a meu juízo, entre outras coisas, em responder a diversas perguntas: o enunciado contém a função locutor?; a quem se atribui essa função?; quais são os diferentes pontos de vista expressados, é dizer quais

⁵Ducrot (1988) não analisa o SE, pois é menos relevante do que se preocupar com o sentido do dizer; esse autor defende que o linguista semanticista deve descrever o que diz o enunciado, o que ele comporta. O linguista, e em particular o linguista semanticista, deve se preocupar com o sentido do enunciado, ou seja, deve descrever o que o enunciado diz.

⁶Assumir significa que o locutor dá à sua enunciação o objetivo de impor o ponto de vista desse enunciador, ou seja, ele defende esse ponto de vista.

⁷O locutor concorda com o enunciador, mesmo que o enunciado não tenha por objetivo impor esse ponto de vista. Por exemplo, no enunciado ‘Pedro parou de fumar’. A pressuposição é ‘Pedro fumava antes’. Desse modo, o locutor concorda com a pressuposição, mas assume o que está posto.

⁸Discordar ou opor-se a um enunciador significa que o locutor não concorda e não assume.

são as diferentes funções de enunciador presentes no enunciado?; a quem se atribui eventualmente essas funções?⁹.

A teoria polifônica da enunciação, ao oferecer as figuras discursivas do locutor e dos enunciadores, faz com que a língua adquira, consoante Freitas (2009, p. 256), um “[...] caráter polêmico, de enfrentamento de indivíduos. Nesse sentido, falar é tratar de impor aos outros uma apreensão argumentativa da realidade”. Ao referir-se ao locutor e enunciadores (pontos de vista), Ducrot (1988) nos remete a figuras discursivas que esses seres do discurso exercem na enunciação, portanto, no enunciado, e dessa maneira essa discursivização é povoada pelas diferentes vozes que emanam no processo enunciativo, ou seja, na argumentação em textos de diferentes gêneros, daí a polifonia que se verifica por meio dos diferentes pontos de vista possíveis que são expressos, implícita ou explicitamente, no texto, no discurso.

Dentre os conceitos que são pertinentes para a análise proposta neste estudo, utilizamos, conforme Ducrot (1987): a frase, como um objeto teórico, que tem significação; o enunciado pertencente ao domínio do observável – uma ocorrência particular da frase, a ele pertence o sentido; e a enunciação que é “[...] o acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado” (DUCROT, 1987, p. 168). A significação dispõe de instruções, o que obriga o interlocutor a tomar certa postura, visando à compreensão daquilo que o sujeito falante comunica. Sendo assim, “[...] o sentido é uma descrição da enunciação” (DUCROT, 1987, p. 172), visto que um enunciado é argumentativo porque por meio dos seus enunciadores, apresenta tal ou tal conclusão.

A fase recente da teoria, surgida a partir da tese de Marion Carel (1997), é a Teoria dos Blocos Semânticos, para a qual o sentido de uma entidade linguística não está constituído por coisas, fatos, crenças psicológicas, mas por discursos que essa entidade evoca, chamados encadeamentos argumentativos. Há uma interdependência de sentido entre o primeiro e o segundo segmento, de modo que a teoria passa a considerar não apenas argumentações em ‘portanto’, mas também em ‘mesmo assim’. Da TBS utilizamos os conceitos de

⁹[...] todo enunciado presenta en cierto número de puntos de vista relativos a las situaciones de las que se habla. [...] Describir el sentido de un enunciado consiste, a mi juicio, entre otras cosas, en responder a diversas preguntas: ¿el enunciado contiene la función locutor?; ¿a quién s le atribuye esta función?; ¿a quién se asimila el locutor?; ¿cuáles son los diferentes puntos de vista expresados, es decir, cuáles son las diferentes funciones de enunciador presentes en el enunciado?; ¿a quién se atribuyen eventualmente estas funciones? (DUCROT, 1988, p. 19-20).

‘encadeamento argumentativo’ (EA), que é a relação entre um ‘segmento A’ unido por um conector a um ‘segmento C’, cuja interdependência semântica constrói o sentido do enunciado; essa interdependência exprime um bloco semântico (BS) de sentido indecomponível.

Referida interdependência semântica é marcada pelos conectores do tipo ‘normativo’, em *dons* (abreviado por DC), palavra francesa traduzida como ‘portanto’; percebe-se que são conclusivos, e do tipo ‘transgressivo’, encadeados por *pourtant* (abreviado por PT), traduzidos como ‘mesmo assim’ (ou ‘no entanto’), adversativos. O sentido de uma expressão (palavra ou enunciado) é constituído pelos “[...] discursos que essa expressão evoca” (CAREL; DUCROT, 2005, p. 29). Com base na relação entre os segmentos ‘A DC C’ podem ser construídos oito¹⁰ conjuntos de encadeamentos que são chamados de ‘aspectos argumentativos’, sendo agrupados em dois blocos semânticos, BS1 e BS2.

Desse modo, partindo do BS constrói-se o ‘quadrado argumentativo’ (CAREL, 1997), sendo o primeiro agrupamento que será desenvolvido na análise deste estudo. O sentido é concebido em termos de argumentação e, para a teoria, “[...] argumentar é formar blocos semânticos” (CAREL; DUCROT, 2005, p. 84) mediante a construção de encadeamentos argumentativos. Dessa maneira, a ADL/TBS postula que os únicos conjuntos de discursos doadores de sentido são os ‘encadeamentos argumentativos’¹¹.

No discurso, conforme Ducrot (1988), a polifonia também se manifesta por meio das noções de ‘humor’, ‘ironia’ e ‘negação’. O ‘humor’ seria composto por um ponto de vista absurdo que não é atribuído ao locutor e a ele o locutor não se opõe. Na ‘ironia’ diz-se ‘A’ para levar a entender ‘não-A’. A ‘negação’ ocorre quando alguém enuncia uma frase negativa, não-P, na qual se expressam pelo menos duas vozes: um enunciador E₁ que expressa o ponto de vista P e outro E₂, que dialoga dizendo não-P¹².

Há, portanto, duas possibilidades de construir a argumentação do léxico, dito por Ducrot (2002, p. 8): “[...] um aspecto pode estar associado a uma entidade de modo interno ou externo”. De modo ‘externo à direita’ são encadeamentos que partem da

¹⁰Os oito aspectos correspondem aos dois blocos de sentido propostos pela TBS, sendo um bloco doxal e outro paradoxal. Carel e Ducrot (2005) definem que o BS1 (chamado doxal) se configura com os seguintes aspectos: A DC B; neg-A DC neg-B; neg-A PT B; A PT neg-B. Já o BS2 chamado de paradoxal apresenta os aspectos A DC neg-B; neg-A DC B; neg-A PT neg-B; A PT B.

¹¹Um encadeamento argumentativo são sequências de duas proposições que, ligadas por conectores do tipo normativos (*dons*) ou do tipo transgressivos (*pourtant*), constroem um sentido.

¹²É por isso que o enunciado negativo é considerado uma ‘pequena obra de teatro’.

entidade, abreviados por ‘eAE’ (argumentação externa à direita da entidade); ‘externo à esquerda’, são encadeamentos que vão até a entidade, abreviado ‘AEe’¹³. Já a argumentação interna (AI) à entidade é relativa aos encadeamentos que a parafraseiam e da qual ela não faz parte; por exemplo, a AI de ‘prudente’ é “[...] perigo DC precaução” (DUCROT, 2002, p. 9). Percebe-se, nesse contexto discursivo, a pluralidade dos aspectos constitutivos de sentido na língua. Para deixar clara a definição que Ducrot (2002, p. 9, grifos do autor) apresenta, destacamos:

[...] o aspecto ‘ter pressa DC agir rapidamente’ é um aspecto externo à direita da expressão ‘ter pressa’. [...] Como aspecto externo à esquerda dessa mesma expressão, tem-se, por exemplo, ‘estar apressado DC ter pressa’: ele contém discursos indicando a causa pela qual alguém se apressa. Chamar-se-á ‘argumentação externa’ (AE) de uma entidade a pluralidade dos aspectos constitutivos de seu sentido na língua, e que estão a ele ligados de modo externo.

A semântica da língua permite que haja relações normativas e transgressivas no discurso, uma vez que se pode assumir a ‘argumentação externa à direita’ ‘ter pressa DC agir rapidamente’ e também seu aspecto converso ‘ter pressa PT não agir rapidamente’, conforme a situação discursiva. Quando se trata de uma AE à esquerda da entidade, cujo aspecto é ‘X CONN Y’, ela também apresenta o aspecto dito ‘transposto’, ‘neg-Y CONN’ X’, assim “[...] ter pressa DC apressar-se” contempla “[...] não ter pressa PT apressar-se” (DUCROT, 2002, p. 9)¹⁴.

São fundamentais para o estudo da lexicalização das palavras na língua o conhecimento das AE e AI, todavia, elas somente são aplicadas às chamadas ‘palavras plenas’, caracterizadas por possuírem um ‘conteúdo’¹⁵. É mediante a AI que se constroem os encadeamentos, em DC ou PT (mais negação), que são a lexicalização de uma entidade linguística. A TBS concebe uma descrição semântica do léxico através da lexicalização do bloco e de conceitos como argumentação externa e interna. Lembrando que, para Saussure¹⁶, o valor dos signos é oriundo das relações sintagmáticas, temos aqui relações discursivas, ou seja, o valor da palavra tem relação

¹³Ducrot e Carel (2005, p. 63) explicam as AE à direita e à esquerda da entidade, como sendo aspectos: ‘e CON X’ e ‘X CON e’, respectivamente.

¹⁴Conforme esse teórico, CONN’ designa PT, se CONN designa DC, e inversamente.

¹⁵A ADL/TBS também define palavras instrumentais, conforme Ducrot (2002, p. 12) em: “[...] conectores, articuladores e operadores (modificadores e internalizadores)”, não detalharemos mais a esse respeito, porque não utilizaremos na análise.

¹⁶Cada elemento só pode ser definido em relação a outros elementos. Sua realidade própria é inseparável da realidade no sistema. [...] O valor é um elemento de significação” (SAUSSURE, 2006, p. 133).

com a continuação do discurso, confirmando-se a filiação estruturalista.

Essa orientação do discurso é a concepção de sentido¹⁷ proposta pela Teoria da Argumentação na Língua (ADL), posteriormente, também, pela Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). É de entendimento dessas abordagens teóricas que cada enunciado traz uma qualificação da enunciação, que precisa ser descrita para encontrar-se o sentido deste. Esse estatuto metodológico evidencia que a significação dispõe de instruções, o que obriga o interlocutor a tomar certa postura diante da instrução, visando à descoberta daquilo que o sujeito falante comunica. Sendo assim, “[...] o sentido é uma descrição da enunciação” (DUCROT, 1987, p. 172), pois um enunciado é argumentativo porque ele pode, através dos seus enunciadores, apresentar tal ou tal conclusão.

Neste estudo, utilizamos os conceitos pertinentes à Teoria Polifônica da Enunciação, quais sejam: locutor, enunciadores e a posição do locutor diante desses enunciadores. Da TBS, os conceitos utilizados foram de encadeamento argumentativo, argumentação externa e interna, bloco semântico, interdependência semântica e quadrado argumentativo. Atualmente, o conjunto das fases de estudo de Ducrot e seus colaboradores é visto como um todo; podemos percebê-lo quando, ao apresentarmos o quadrado argumentativo¹⁸ nos seus quatro aspectos (possibilidades discursivas) referentes à sua estrutura geométrica, o movimento polifônico dado pelos diferentes pontos de vista expressos pelos enunciadores no discurso.

Segue, após essa explanação teórica, a metodologia de análise do *corpus* utilizado nesta pesquisa.

Procedimentos metodológicos

O *corpus* selecionado para análise é composto de diferentes estrofes do poema *A implosão da mentira* (SANT’ANNA, 1999), que é dividido em cinco enunciados/fragmentos com números diferenciados de estrofes. São analisadas as duas primeiras estrofes do ‘Fragmento I’ (F1) e (F2) e uma estrofe do ‘Fragmento V’¹⁹ (F3), por entendermos que essa seleção constrói o sentido global do discurso²⁰.

¹⁷Para Ducrot (1988, p. 52), “[...] o sentido de uma palavra é ao mesmo tempo uma orientação no discurso”.

¹⁸O Quadrado Argumentativo foi proposto por Marion Carel (1997) e é uma forma de ilustrar as possibilidades discursivas existentes no enunciado, sendo constituída pelos encadeamentos argumentativos (segmentos unidos por conectores) mais a negação, formando blocos de sentido. São quatro as possibilidades discursivas, conforme os vértices do quadrado. No decorrer deste artigo apresentaremos maiores esclarecimentos.

¹⁹Esses fragmentos/enunciados são assim enumerados no poema, partindo deles é que denominamos os fragmentos discursivos analisados.

²⁰É importante mencionar que não são analisados outros fragmentos do poema, devido à limitação de espaço prevista para este texto.

A análise polifônica partiu dos fragmentos transcritos dos enunciados, divididos em segmentos (S1, S2...); identificamos em cada segmento a argumentação externa (AE)²¹ e a argumentação interna (AI) respectiva, utilizando-se de encadeamentos argumentativos²² (EA) que identificam o EA (encadeamento argumentativo) do enunciado que originou o bloco semântico (BS) correspondente. Demonstramos posteriormente os enunciadores (pontos de vista) e posição do locutor frente a eles, quais sejam a polifonia e o movimento argumentativo que descrevem e constroem o sentido do discurso no poema analisado neste estudo.

Desse modo, a relação entre os três BS gerados pelos segmentos originou o bloco semântico responsável pelo sentido global do discurso (BSG), a partir do qual, a título de demonstração, foi construído o quadrado argumentativo que também apresentou a polifonia conforme os aspectos argumentativos e a posição do locutor em relação a esses. O quadrado argumentativo visou a demonstrar os encadeamentos que expressam o sentido global do discurso, que intervém na compreensão leitora. Para demonstrar como se constrói o sentido global do discurso, apresentamos a Figura 2, no qual fez-se a inter-relação dos blocos semânticos de cada fragmento analisado do poema.

Análise do poema

O primeiro enunciado/fragmento a ser analisado corresponde à primeira estrofe do poema *A implosão da mentira*.

(F1) S1. “Mentiram-me. S2. Mentiram-me ontem e hoje mentem novamente”.

S3. “Mentem de corpo e alma, completamente”.

S4. “E mentem de maneira tão pungente que acho que mentem sinceramente”.

S1. “Mentiram-me” → (AE) à direita: Mentir DC não confiar.

S2. “Mentiram-me ontem e hoje mentem novamente” → (AE) à direita: Mentir ontem e hoje DC mentir com frequência.

S1 + S2 = AI do enunciado = EA1: Ser mentiroso DC não confiar.

S3. “Mentem de corpo e alma, completamente” → (AE) à direita: Mentir de corpo e alma DC mentir com convicção.

S4. “E mentem de maneira tão pungente que acho que mentem sinceramente” → (AE) à direita:

Mentir de maneira pungente DC mentir com sinceridade.

S3 + S4 = AI do enunciado = EA2: Mentir com convicção DC mentir com sinceridade.

“EA1 + EA2 = mentiroso DC não confiar + mentir com convicção DC mentir com sinceridade ⇒ BS1”

↓
BLOCO SEMÂNTICO 1 (BS1) = Ser mentiroso DC mentir com convicção

O segundo fragmento/enunciado analisado refere-se à terceira estrofe do poema; os procedimentos de análise seguem o percurso já mostrado anteriormente.

(F2) S1. “Mentem e calam. S2. Mas suas frases falam. S3. E desfilam de tal modo nuas S4. que mesmo um cego pode ver a verdade em trapos pela rua”.

S1. “Mentem e calam” → (AE) à direita: Mentir e calar DC não ser descoberto.

S2. “Mas²³ suas frases falam” → (AE) à direita: As frases falam DC denunciar a mentira.

S1 + S2 = AI do enunciado = EA3: Não ser descoberto PT as frases denunciam a mentira.

S3. “E desfilam de tal modo nuas” → (AE) à direita: Exibir frases (mentirosas) nuas DC ver a mentira.

S4. “que mesmo um cego pode ver a verdade em trapos pela rua” → (AE) à direita: Ser cego PT ver a realidade esfarrapada.

S3 + S4 = AI do enunciado = EA4: Exibir frases mentirosas DC até um cego vê a mentira.

EA3 + EA4 = “Não ser descoberto PT as frases denunciam a mentira + Exibir frases mentirosas DC até um cego vê a mentira = BS2”

↓
BLOCO SEMÂNTICO 2 (BS2) = Exibir frases mentirosas DC ver a realidade esfarrapada + +

O fragmento/enunciado 3 (F3) refere-se à última estrofe do poema.

(F3) S1.

²¹As AEs partem da palavra e são as várias possibilidades de continuação do discurso.
²²Identificados no enunciado como ocorrência da frase. Sendo o encadeamento argumentativo a junção de dois segmentos, cada um deles, nesse caso S1 e S2, tem suas AEs.

²³A descrição do ‘mas’ pressupõe que há uma conclusão negada, ou seja, tem-se ‘A DC C’, ‘A mas B’ orienta para uma conclusão neg-C, sendo utilizada pela ADL/TBS a fórmula A DC C, mas B. Por exemplo, “Concordo que faz bom tempo (A), mas eu estou cansado (B)”, onde B é um argumento para neg-C, o passeio. Nesse caso, como fizemos uma fragmentação dos segmentos, o S2 menciona, em contrariedade ao S1, que o locutor, mesmo calado, fala frases. Não é intenção dessa análise deter-se ao uso do “mas”, mesmo que tenha significativa presença na Teoria.

Para tanta mentira só mesmo um poema explosivo-connotativo S2, onde o advérbio e o adjetivo não mentem ao substantivo S3, e a rima rebenta a frase numa explosão da verdade. S4. E a mentira repulsiva se não explode pra fora pra dentro explode implosiva.

S1. “Para tanta mentira só mesmo um poema explosivo-connotativo [...]” → (AE) à direita: Existir tanta mentira DC somente um poema para desabafar.

S2. “Onde o advérbio e o adjetivo não mentem ao substantivo [...]” → (AE) à direita: o advérbio e o adjetivo não mentem ao substantivo DC escrever um poema revelador.

$S1 + S2 = AI$ do enunciado = EA5: Escrever um poema revelador DC escrever a verdade.

S3. “[...] e a rima rebenta a frase numa explosão da verdade” → (AE) à direita: a rima rebenta a frase DC denunciar a verdade.

S4. “E a mentira repulsiva se não explode pra fora pra dentro explode implosiva” → (AE) à direita: se a mentira não explodir para fora DC implodir no poema.

$S3 + S4 = AI$ do enunciado = EA6: Denunciar a verdade DC implodir a mentira no poema.

EA5 + EA6 = “Escrever um poema revelador DC denunciar a verdade + Se a mentira implodir no poema DC revelar a verdade = BS3”

BLOCO SEMÂNTICO 3 (BS3) = Ser poema explosivo-connotativo DC revelar a verdade.

Podemos perceber o discurso expresso no poema por meio da interdependência dos encadeamentos argumentativos EA1, EA2, EA3, EA4, EA5 e EA6, originados pelas argumentações internas dos segmentos analisados. Esses encadeamentos compuseram três diferentes blocos semânticos inter-relacionados que possibilitaram descrever e construir o sentido global do discurso no poema, ou seja, somados $BS1 + BS2 + BS3 =$ Bloco Semântico Global (BSG), que é ‘Ser poema explosivo-connotativo DC Desvendar a mentira’.

Para clareza da noção do Quadrado Argumentativo (QA), proposto por Marion Carel (1997), seguem convenções de escrita; são utilizados DC e PT como sendo o conector de tipo normativo (*donc*) e o transgressivo (*pourtant*); as letras A e B designarão o que precede e o que segue o conector, podendo conter eventualmente negações, ou seja, A

pode ser A e Neg-A e B pode ser B e Neg-B. Ao observar ‘o quadrado em ação’, notam-se os aspectos do bloco semântico. O Bloco Semântico Global constrói o sentido do poema, que é polifônico, como se depreende através dos aspectos do quadrado argumentativo abaixo:

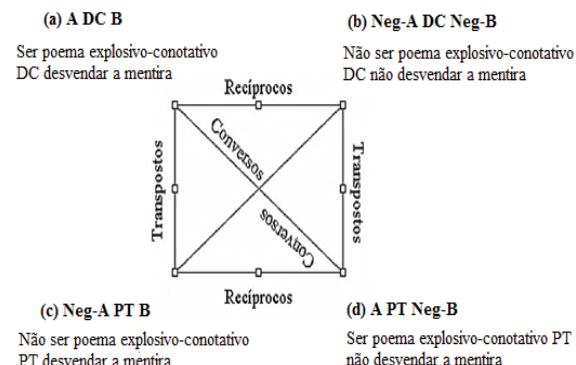
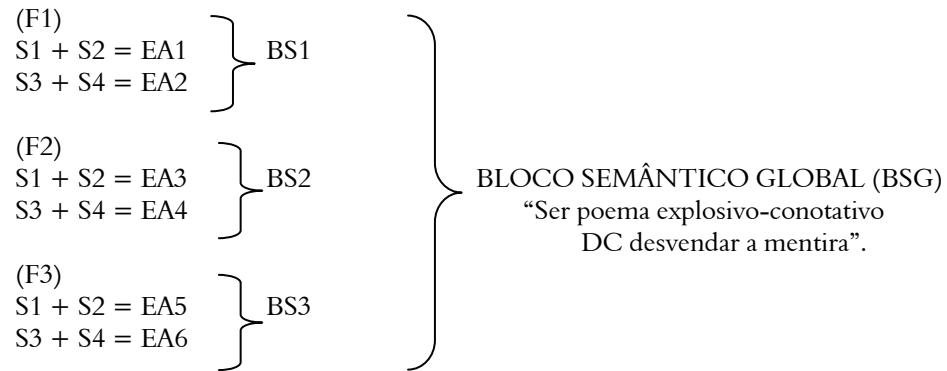


Figura 1. Quadrado Argumentativo (BSG).

Fonte: Os autores.

Os aspectos do (QA) demonstram os diferentes pontos de vista sobre os quais o locutor se posiciona, quais sejam: (L) assume (a), que é um aspecto normativo e discorda dos demais aspectos, (b), (c) e (d). Lembrando que “[...] o que o locutor procura impor é o ponto de vista da personagem à qual o enunciador é assimilado” (DUCROT, 1988, p. 8). Personagem aqui, neste contexto do estudo, diz respeito aos participantes da enunciação – os enunciadores, que são pontos de vista assumidos ou assimilados pelo locutor no discurso, conforme Ducrot (1988). Identificamos assim que há uma opinião do locutor sobre a mentira e também existem outras vozes, enunciadores, que tornam o sentido (e a compreensão) do poema polifônico. Na polifonia em linguística, o autor do enunciado, o locutor, nunca se expressa diretamente, mas põe em cena, no mesmo enunciado, certo número de personagens, sendo que o sentido do enunciado é resultante da confrontação desses diferentes sujeitos. O sentido do enunciado é o produto das diferentes vozes que nele aparecem (DUCROT, 1988).

Os segmentos de cada fragmento/enunciado do poema geraram encadeamentos argumentativos que foram interligados para se obter o BS do fragmento. Assim, F1 obteve o BS1, F2 o BS2 e F3 correspondeu ao BS3. Conforme a formação dos EA1, EA2, EA3, EA4, EA4 e EA6, originados pelas argumentações internas dos segmentos analisados, que compuseram três diferentes blocos semânticos, temos a seguir a construção do sentido global do discurso, partindo da soma/relação entre os BS1, BS2 e BS3.

**Figura 2.** Sentido Global do Discurso.

Fonte: Os autores.

No poema, a palavra-chave é o verbo mentir, que é conjugado (mente, mentiram-me) e assume também a terminação dos advérbios. Há no poema jogos de sentido com substantivo/advérbio, a terminação ‘mente’ é destacada, sabendo que o advérbio refere-se ao modo, então o modo de mentir/de escrever é perpassado por essa construção. O sentido de uma entidade é formado pelos discursos que evoca, sendo polifônico porque apresenta vários aspectos, ou seja, várias possibilidades discursivas. No S3 e S4 do fragmento 2, no verso ‘E desfilam de tal modo nuas que mesmo um cego pode ver a verdade em trapos pelas ruas’ tem-se um paradoxo poético que faz um cego ver as verdades esfarrapadas, maltrapilhas nas ruas. Interessante paradoxo, uma vez que as verdades, por não serem valorizadas ou cuidadas, estão em trapos e são vistas apenas por um cego.

Diante dos comentários até agora apresentados, destacamos, com a finalidade de sintetizar o conteúdo das análises realizadas, que esse conteúdo analítico foi construído por cinco fragmentos. Verificamos, então, que o poema subverte em versos livres e algumas rimas, além da personificação das frases – ‘que andam nuas’. Também observamos a mentira como negação da verdade, e a negação é polifônica (CAREL; DUCROT, 2008), o que confirma nossa investigação sobre a polifonia presente no poema analisado. O sentido de uma entidade é formado pelos discursos que evoca, tais discursos são chamados de ‘encadeamentos argumentativos’ (EA). O sentido no discurso é descrito/construído pelo ponto de vista assumido pelo locutor diante dos diferentes enunciadores presentes no discurso, pois isso é que torna o sentido argumentativo.

Considerações finais

Diante da análise dos enunciadores/diferentes pontos de vista, dos encadeamentos, dos blocos semânticos e do quadrado argumentativo oriundos do poema *A implosão da mentira*, de Affonso Romano

de Sant’Anna, percebeu-se a construção do sentido a partir das marcas linguísticas presentes no enunciado, de maneira que o ‘sentido é polifônico’. A descrição semântica foi comprovada como apropriada para a ‘compreensão leitora’ do poema, cuja construção do sentido se dá pela confrontação dos aspectos do bloco semântico, entendidos como os diferentes enunciadores; desse modo, as diferentes vozes dos enunciadores, presentes no poema, são responsáveis pelo sentido argumentativo/polifônico.

Efetiva-se de maneira produtiva a proposta de compreender o poema a partir da perspectiva da Linguística em interface com a Literatura, desenvolvendo assim aspectos referentes à mediação e compreensão leitora entre os sujeitos envolvidos. Após a aplicação dos conceitos da Teoria da Polifonia com a TBS, podemos afirmar que a polifonia é um recurso primíssimo para a compreensão leitora do poema e pode ser aplicado a outros poemas como *corpus* de análise. Assim sendo, entendemos que esse artigo pretende ser um motivador para o desenvolvimento de novos estudos acerca da leitura para a construção cultural do indivíduo e da sociedade, analisada por bases teóricas dos estudos linguísticos, mediados pela literatura. Consideramos que este estudo possui algo inovador, no que se refere às reflexões atuais acerca do discurso, assim, torna-se um importante referencial para futuras pesquisas, não tomando essa abordagem como acabada, nem tampouco inquestionável. A contribuição advinda das reflexões aqui apresentadas deve ser vista como uma motivação, uma alternativa a mais dentre outras possíveis, para o ensino da língua materna sob uma perspectiva discursiva.

Por fim, ainda destacamos que, por meio do estudo ora encerrado, é possível concluir que a TBS auxilia na descrição do sentido global do poema, tornando as possibilidades de compreensão leitora

ampliadas para uma leitura mais compreensiva diante do espectro da argumentação, que está inscrita na língua, e com maior criticidade, por consequência. Ao considerarmos que as palavras determinam a força argumentativa dos discursos, a ADL/TBS constitui uma estratégia para leitura e produção textual, quem sabe produtiva, reveladora, e por que não dizer ‘instigante’.

Referências

- ANSCOMBRE, J.-C.; DUCROT, O. **La argumentación en la lengua**. Tradução de Julia Sevilla y Marta Tordesillas. Madrid: Ed. Gredos, 1994.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- CAREL, M. A argumentação no discurso: argumentar não é justificar. **Letras de Hoje**, v. 32, n. 1, p. 23-40, 1997.
- CAREL, M. O que é argumentar? **Desenredo**, v. 1, n. 2, p. 77-84, 2005.
- CAREL, M.; DUCROT, O. **La semántica argumentativa**: una introducción a la teoría de los Bloques Semánticos. Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.
- CAREL, M.; DUCROT, O. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. **Letras de Hoje**, v. 43, n. 1, p. 7-18, 2008.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- DUCROT, O. Polifonía y argumentación. In: SEMINARIO TEORÍA DE LA ARGUMENTACIÓN Y ANÁLISIS DEL DISCURSO, 1988, Cali. **Proceedings...** Cali: Universidad Del Valle, 1988.
- DUCROT, O. Os internalizadores. **Letras de Hoje**, v. 37, n. 3, p. 7-26, 2002.
- FREITAS, E. C. Descrição argumentativa e descrição polifônica no discurso do leitor. **Desenredo**, v. 5, n. 2, p. 252-270, 2009.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Ed.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- SANT'ANNA, A. R. A implosão da mentira. In: SANT'ANNA, A. R. (Ed.). **Intervalo amoroso e outros poemas escolhidos**. Porto Alegre: L&PM, 1999, p. 15-19.
- SANT'ANNA, A. R. A poesia e os mediadores de leitura. In: SANT'ANNA, A. R. (Ed.). **Mediação de leitura: discussões e alternativas para formação de leitores**. São Paulo: Global, 2009, p. 157-170.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

Received on April 14, 2012.

Accepted on July 17, 2012.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

ANEXO A***A implosão da mentira*****Affonso Romano de Sant'Anna****Fragmento 1**

Mentiram-me. Mentiram-me ontem
e hoje mentem novamente. Mentem
de corpo e alma, completamente.
E mentem de maneira tão pungente
que acho que mentem sinceramente.
Mentem, sobretudo, impune/mente.
Não mentem tristes. Alegremente
mentem. Mentem tão nacional/mente
que acham que mentindo história afora
vão enganar a morte eterna/mente.
Mentem. Mentem e calam. Mas suas frases
falam. E desfilam de tal modo nuas
que mesmo um cego pode ver
a verdade em trapos pelas ruas.
Sei que a verdade é difícil
e para alguns é cara e escura.
Mas não se chega à verdade
pela mentira, nem à democracia
pela ditadura.

Fragmento 2

Evidente/mente a crer
nos que me mentem
uma flor nasceu em Hiroshima
e em Auschwitz havia um circo
permanente.
Mentem. Mentem caricatural-
mente.
Mentem como a careca
mente ao pente,
mentem como a dentadura
mente ao dente,
mentem como a carroça
à besta em frente,
mentem como a doença
ao doente,
mentem clara/mente
como o espelho transparente.
Mentem deslavadamente,
como nenhuma lavadeira mente
ao ver a nódoa sobre o linho. Mentem
com a cara limpa e nas mãos
o sangue quente. Mentem
ardente/mente como um doente
em seus instantes de febre. Mentem
fabulosa/mente como o caçador que quer passar
gato por lebre. E nessa trilha de mentiras
a caça é que caça o caçador
com a armadilha.
E assim cada qual
mente industrial?mente,
mente partidária?mente,
mente incivil?mente,
mente tropical?mente,
mente incontinente?mente,
mente hereditária?mente,
mente, mente, mente.

E de tanto mentir tão brava/mente
constroem um país
de mentira
—diária/mente.

Fragmento 3

Mentem no passado. E no presente
passam a mentira a limpo. E no futuro
mentem novamente.
Mentem fazendo o sol girar
em torno à terra medieval/mente.
Por isto, desta vez, não é Galileu
quem mente.
mas o tribunal que o julga
herege/mente.
Mentem como se Colombo partindo
do Ocidente para o Oriente
pudesse descobrir de mentira
um continente.
Mentem desde Cabral, em calmaria,
viajando pelo avesso, iludindo a corrente
em curso, transformando a história do país
num acidente de percurso.

Fragmento 4

Tanta mentira assim industriada
me faz partir para o deserto
penitente/mente, ou me exilar
com Mozart musical/mente em harpas
e oboés, como um solista vegetal
que absorve a vida indiferente.
Penso nos animais que nunca mentem.
mesmo se têm um caçador à sua frente.
Penso nos pássaros
cuja verdade do canto nos toca
matinalmente.
Penso nas flores
cuja verdade das cores escorre no mel
silvestremente.
Penso no sol que morre diariamente
jorrando luz, embora
tenha a noite pela frente.

Fragmento 5

Página branca onde escrevo. Único espaço
de verdade que me resta. Onde transcrevo
o arroubo, a esperança, e onde tarde
ou cedo deposito meu espanto e medo.
Para tanta mentira só mesmo um poema
explosivo-conotativo
onde o advérbio e o adjetivo não mentem
ao substantivo
e a rima rebenta a frase
numa explosão da verdade.
E a mentira repulsiva
se não explode pra fora
pra dentro explode
implosiva.